REVISTA DA
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

SITIENTIBUS

ESTUDOS LINGUÍSTICOS E FILOLÓGICOS

ARTIGO

ALGUMAS EVIDÊNCIAS DO UMBUNDU NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: CASO DA REGÊNCIA DO VERBO DE MOVIMENTO IR*SOME EVIDENCE OF UMBUNDU IN BRAZILIAN PORTUGUESE: CASE OF THE REGENCY OF THE VERB OF MOTION IR*

LUCAS KASSOMA BINGA

Mestrando em Estudos Linguísticos (PPGEL/UEFS). Graduado em Ensino do Português pelo Instituto Superior de Ciências da Educação, Angola.
E-mail: lucaskassomabingab@gmail.com

TERESA MANUELA CAMACHA JOSÉ DA COSTA

Doutora em Linguística pela Universidade Nova de Lisboa, Portugal. Diretora Geral da Escola Superior Pedagógica do Bengo, Angola.
E-mail: dg@espbengo.ed.ao

SILVANA SILVA DE FARIAS ARAÚJO

Doutora em Linguística. Professora do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana (DLA/UEFS).
E-mail: silvanaaraujo@uefs.br**RESUMO**

Neste artigo, objetivamos apresentar o quadro da regência verbal, na língua Umbundu, e explicar como o funcionamento dessa gramática terá interferido no português aprendido como L2, pelos escravizados trazidos ao Brasil, provenientes da região sul de Angola. A hipótese de que as línguas africanas desempenharam um papel fundamental na formação do português brasileiro, (Marquese, 2006, Lucchesi, 2009, Mattos e Silva, 2004, Petter, 2009), leva-nos a pensar que o Umbundu terá sido uma das línguas materna dos escravizados angolanos que chegaram ao Brasil, no período do tráfico. Metodologicamente, optamos por fazer abordagem sócio-histórica à luz da Sociolinguística Variacionista, proposta por Weinreich (1953) e Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), Labov (2008 [1972]). Sentenças do português brasileiro, como “fui no mercadinho” e “vou para casa” são fenômenos que ocorrem também na regência do verbo *ir* na língua Umbundu, daí postularmos as possíveis interferências.

Palavras-chave: Interferências; Regência Verbal; Língua Umbundu.

ABSTRACT

In this article, we aim to present the framework of verbal government in the Umbundu language and explain how the functioning of this grammar may have influenced Portuguese learned as an L2 by enslaved individuals brought to Brazil from the southern region of Angola. The hypothesis that African languages played a fundamental role in the formation of Brazilian Portuguese (Marquese, 2006; Lucchesi, 2009; Mattos e Silva, 2004; Petter, 2009) leads us to consider that Umbundu was one of the mother tongues of Angolan slaves who arrived in Brazil during the trafficking period. Methodologically, we chose a socio-historical approach in light of Variationist Sociolinguistics, as proposed by Weinreich, Labov, and Herzog (2006[1968]), Labov (2008 [1972]), and Weinreich (1953). Sentences in Brazilian Portuguese such as “i went to the little Market” and “I am going home” are phenomena that also occur in the government of the verb to go in the Umbundu language, hence we postulate the possible interferences.

Keywords: Interferences; Verbal Government; Umbundu Language.



1 INTRODUÇÃO

O Brasil é um país composto por vasta diversidade linguística, motivada pelo seu contexto histórico, social e político. A maneira conforme foi constituído o agora Brasil é fruto da presença massiva de indígenas, povos originários do Brasil, e africanos, que formaram a sociedade que constitui o atual Brasil, sem descartar a possibilidade de Holandeses e Italianos que se instalaram também num período específico em algumas regiões do país, para além dos portugueses colonizadores.

Neste trabalho, partimos da ideia de que uma das várias línguas trazidas ao Brasil por africanos, no período da escravatura, terá sido o Umbundu. A hipótese é construída do pressuposto de que, no século XIX, chegaram ao país o maior contingente de escravizados em solo brasileiro, provenientes de Angola e Congo, o que correspondia a 70% de pessoas traficadas para o Brasil, provenientes de toda a África. Assim, a olhar por esse elevado número de habitantes, seria incomum não pensar na possibilidade de que o Umbundu, língua dos ovimbundu, que pertencem a região centro e sul de Angola, nomeadamente as províncias do Bié, Huambo e Benguela, não terá chegado ao Brasil, uma vez que o Umbundu é a língua bantu de Angola mais falada no país.

Com este estudo, pretendemos apresentar o funcionamento geral da língua Umbundu e explicar como os aspectos sintáticos, especificamente o caso de a regência dos verbos de movimento *ir* dessa mesma língua podem interferir na formação do português que é falado no Brasil, partindo sempre da hipótese de que um grupo significativo de escravizados tinha a Umbundu como língua materna e aprenderam o português como L2 na fase adulta.

Se a formação sócio-histórica do Brasil contou também com a presença africana, a hipótese desse estudo é de que as línguas africanas desempenharam um papel preponderante no português brasileiro, desde o léxico à morfossintaxe.

Para tanto, nesse sentido, objetivamos, no geral, apresentar a regência verbal da língua Umbundu; de maneira específica, descrever a presença africana na formação do português brasileiro; analisar a regência do verbo *ir* no Umbundu e suas interferências no Português Brasileiro; e apontar possíveis elementos que estão na causa da variação no uso da regência verbal com o verbo *ir* e *sair* no Português Brasileiro.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DOS ESCRAVIZADOS PROVENIENTES DE ANGOLA E AS SUAS LÍNGUAS NO BRASIL

É inegável a presença africana na formação do português brasileiro, como também não se deve negar o número de línguas africanas que chegaram ao Brasil, como apontam os estudos de (Matos e Silva, 2004, Florin e Petter, 2008, Castro, 2016, Lucchesi, 2014, dentre outros),

autores esses que afirmam a importância dessas línguas na constituição do português vernacular ou popular que está em constantes mudanças desde os estudos iniciais da sociolinguística, o projeto Para História do Português Brasileiro (PHPB) e outros que visam discutir a realidade linguística do Brasil.

Começamos por apresentar um estudo de Matos e Silva (2004), que descreve justamente a proveniência dos africanos, mas nós destacaremos sempre os aspectos relacionados ao povo de Angola. A autora afirma que o Brasil, no século XVIII, viveu um multilinguismo, ou seja, multidialealismo generalizado no Brasil, quando se escolheu uma política linguística cultural que tornou o português como língua oficial do Brasil, numa altura em que o trabalho de escravos já era consolidado nas fazendas e casas de fazendeiros.

Matos e Silva (2004, p. 100) diz o seguinte:

A massa escrava sucessiva para aqui trazida, desde a quarta década do século XVI até avançado o XIX, mesmo com a extinção do tráfico oficial em 1830, com suas 200/300 línguas teve de aprender a língua dos senhores, a partir de situações precárias de exposição à língua-alvo, a portuguesa.

Com isso, conseguimos compreender que, apesar desses escravizados terem sido separados, quando chegaram no Brasil, a maneira conforme eles aprenderam o português, não os favoreceu em nenhum momento, até porque, naquela altura, o negro não poderia frequentar a escola, sem falar de que muitos deles não tinham acesso à escrita, consequentemente, ao aprender o português sem nenhuma condição digna, levá-los-ia numa extrema diversidade linguística, por eles terem suas línguas maternas diferentemente do português. Daí, o multilinguismo generalizado que, ao passar dos tempos, se tornou localizado, notadamente no que se refere às línguas indígenas, já que as línguas africanas foram extintas no Brasil.

É complexo apontar os dados reais dos escravizados que chegaram no Brasil, mas Matos e Silva (2004) apresenta um quadro de autoria de Alberto Musa, fazendo um painel da formação populacional do Brasil, entre 1538, nos primeiros anos do tráfico, a 1890, época depois do tráfico de escravo. Este quadro nos ajuda a perceber a presença africana no processo sócio-histórico do Brasil:

Quadro 1: Situação Demográfica do Brasil, no Período da Escravatura

	1538-1600	1601-1700	1701-1800	1801-1850	1851-1890
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	—	20%	21%	19%	13%
Mulatos	—	10%	19%	34%	42%
brancos brasileiros	—	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Índios integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Nessa tabela, a partir dos anos de 1538, fase em que o Brasil começou a receber a população africana para o trabalho forçado, até o ano 1830, data do fim do tráfico de escravo, os africanos eram a maioria no Brasil, o que pode, por um lado explicar a diversidade linguística, o que Matos e Silva designou por Português Geral Brasileiro, formado principalmente por povos indígenas, africanos e afrodescendentes.

O número de africanos, segundo o referido quadro, só começou a reduzir com o fim da escravatura, que em 1850 chegou a atingir 12% da população brasileira e, em 1890, 2%, resumidamente, segundo a autora, africanos e afrodescendentes ocupavam 60 % da população. Ainda sobre a análise da população brasileira, a autora apresenta também trabalho de Lobo (1996, p. 16), afirmando que a etnia não branca sempre ocupou o maior número de habitantes em todo o período colonial e imperial do Brasil.

Para confirmar a nossa hipótese, trazemos a seguinte afirmação de Matos e Silva (2004, p. 102):

Diante desses dados demográficos, pode-se admitir que o forte candidato para a difusão do que tenho designado de português geral brasileiro, antecedente histórico do atual designado de vernáculo ou português popular, variante sociolinguística mais generalizada no Brasil, seriam os africanos e afrodescendentes, e não os indígenas autóctones, já que o português brasileiro culto, próprio hoje, em geral, aos de escolarização mais alta, será o descendente do português europeu ou mais europeizado, das elites e dos segmentos mais altos da sociedade colonial.

Tal como afirmamos no início deste trabalho, ancoramos de que o Português Brasileiro terá sido formado com base na presença africana que, apesar de ter sido uma fase cruel em todo esse processo de escravatura, alguns vestígios africanos continuaram visíveis na cultura brasileira, desde a língua à religião. Dentro dessa análise demográfica, procuramos entender qual era a proveniência dos africanos, especificamente angolanos e que línguas falavam, antes de serem comercializados no Brasil.

Segundo Mattoso (1982), houve quatro grandes ciclos de importação, dos quais, o segundo era no século XVII, donde saíam povos do Congo e de Angola, que trouxe para o Brasil os negros bantos e o último ciclo, no século XIX, chegaram escravos de todas as regiões, com uma predominância de negros provenientes de Angola ou de Moçambique. Vale realçar que para esse estudo, estamos trabalhando com povos originários de Angola, daí a razão de trazermos apenas os itens que abordam sobre a chegada de angolanos em território brasileiro na era do tráfico de escravos.

Sobre a presença de escravizados provenientes de Angola, Marquese (2006) citado por Petter (2020), aponta que no século XIX, de 1808 a 1850, foram introduzidos cerca de 40% de todos os aqui escravizados, por volta de 1,4 milhão de indivíduos são originários de Angola e Congo. Como sempre,

esses dados demonstram, por lado, a razão das relações firmadas entre Angola e Brasil, nos dias atuais, e, por outro lado, a semelhança dos aspectos morfosintáticos existentes nessas duas variedades, no que concerne à regência verbal e concordância nominal, bem como outros elementos que dialogam com o português de Angola, como afirmam Araújo e Silva (2017, p. 82), no contexto de regência verbal, é visível a ocorrência desse fenômeno nas duas variedades, angolana e brasileira.

Nos séculos XVII e XVIII, será Angola que exercerá esse papel centralizador, por intermédio de dois reinos negros, que prosperarão entre 1670 e 1750: um ao sul, denominado Benguela; outro ao norte, chamado Ndongo (Bonvini, 2009, p. 27).

Souza (2015, p. 87), concordando com a ideia de Bonvini (2009), destaca que a maioria dos africanos trazidos para o Brasil veio da região de Angola, e grupos bantu estiveram presentes de norte a sul, de leste a oeste do território, com destaque para região sudeste. A autora acrescenta que a influência bantu é a mais antiga e a mais disseminada por todo o Brasil todo.

Assim, podemos aferir que a diversidade linguística que hoje o Brasil vive, por conta das interferências das línguas bantu, é resultado do contato massivo de africanos, europeus, indígenas e brasileiros que coabitavam o espaço geográfico no período que a língua portuguesa se consolidava no que veio a ser o Brasil, o que nos faz concordar com Lucchesi (2009, p. 7), realçando que o contato entre línguas na história sociolinguística do Brasil: o elemento africano desempenhou um papel bem mais relevante que as línguas indígenas no processo de constituição da variedade linguística brasileira.

3 LÍNGUAS DE ANGOLA TRAZIDAS NO BRASIL

As línguas africanas não chegaram ao Brasil com o mesmo estatuto linguístico de que dispunham no seu continente de origem (Petter, 2005, p. 200). Desta afirmação, é perceptível a mudança drástica no prestígio e no uso das línguas africanas ao serem transplantadas para o Brasil, uma vez que o contexto opressivo da escravidão e a imposição cultural dos colonizadores resultaram em uma marginalização dessas línguas e, como resultado, elas passaram de um status de línguas de prestígio e identidade cultural em África para um status de línguas marginalizadas e desvalorizadas no Brasil colonial.

Sobre essa ideia da perda do estatuto das línguas africanas, Bonvini (2009, p. 26) vai dizendo que o tipo de tráfico e de comércio praticados pelos portugueses seguramente favoreceu certa seleção das línguas africanas atingidas pelo tráfico e modificou o estatuto linguístico de algumas delas.

O mesmo autor destaca que a área Austral de África, essencialmente, o subgrupo banto correspondente às atuais Repúblicas do Congo, República Democrática do Congo e Angola, caracterizadas por um número muito reduzido de línguas, tipologicamente homogêneas, é que teve mais influência

no Brasil. Para Bonvini (2009), as línguas transplantadas pelos africanos são várias, e foram elas identificadas geograficamente por letras e números e classificadas por grupos, das quais, a olhar pelo objetivo da nossa pesquisa, destaremos a seguinte:

R10: Umbundu, falada pelos ovimbundus na região de Benguela, em Angola.

É importante entender que a chegada de escravizados no Brasil, automaticamente, gerou a chegada de suas línguas, cultura e identidade, por essa razão, não se deve desconsiderar a presença de africanos trazidos para o Brasil sem considerar a língua de materna que por eles foram faladas antes, durante e depois da rota do atlântico.

3.1 A língua Umbundu

O termo Umbundu deriva de um outro, ovimbundu, que é a evolução semântica do termo *mntu* que, em diversas expressões linguísticas africanas, assume o significado de pessoa.

Fazendo uma breve abordagem às origens da Língua Umbundu, sabe-se que existem vários símbolos de escrita primitiva que se têm encontrado em cavernas rupestres, destacando-se as mais conhecidas que são as de Kaniñili, na confluência entre Bailundo e Mungo, na região de Huambo, datado de há milhares de anos a.C.

Alguns objetos arqueológicos, como vasos de argila e cabaças, são testemunhos desse povo; ainda, hoje, esses símbolos exprimem, em artes plásticas, os elementos fundamentais da cultura dos ovimbundu e da sua língua.

No entanto, quer os proto-ovimbundu, (os primeiros ovimbundu), quer os pesquisadores da Língua Umbundu, não foram sistemáticos no desenvolvimento desses símbolos, de forma a constituírem uma tradição, através da qual se pudesse fundamentar uma escrita e que passasse facilmente de geração em geração.

Já na atualidade, a escrita em Umbundu utiliza os símbolos da língua latina (o Português), ao mesmo tempo que para a sua leitura recorre-se à fonética das línguas bantu, das quais o Umbundu faz parte.

Na modernidade, é frequente os escritores e os pesquisadores da Língua Umbundu servirem-se de símbolos grafo-fonéticos de outras línguas africanas e europeias (caso do inglês). Esta realidade, por um lado mostra a carência de autonomia gráfica da Língua Umbundu e, por outro lado, constitui uma oportunidade para tornar fácil a leitura e a escrita, nesta língua, para os seus principiantes que possuem alguns conhecimentos dos sistemas gráficos das línguas bantu e das línguas neolatinas, dando vantagem à vizinhança do sistema de escrita em Umbundu com a língua neolatina (o Português), por causa de, na atualidade, ela absorver a maior parte dos caracteres do Português para a sua representação gráfica, tornando-se assim numa língua mais fácil de aprender.

A língua Umbundu é uma língua pertencente ao Planalto Central e a uma parte do Sul do país. Tem o maior

número de falantes e a sua área de difusão engloba as províncias de Bié, Huambo e Benguela. Para além dessas províncias, segundo Ntongo e Fernandes (2002, p. 55), a influência dessa língua é notória noutras províncias, como é o caso de Namibe, Kwando- Kubango e Huíla e, em nosso entender, até mesmo à capital do país, Luanda.

Parafraseando Ntongo e Fernandes (2002), a Língua Umbundu apresenta algumas variantes que têm as seguintes designações: *ambwi, cikuma, kacisandje, kakonda, lumbu, mbalundu, muhanya, ndombe, nganda, sambu, viye e wambu*.

Guthrie (1948, p. 50), pesquisador das línguas africanas, classificou as línguas bantu em grupos denominados de “zonas” e, por conseguinte, atribuiu uma letra a cada uma dessas zonas e um número à cada língua de cada zona diferente.

Nesse contexto, a língua Umbundu ficou enquadrada na zona R, sob o nº 10, onde se enquadram outras línguas angolanas, em particular, como é o caso de oxikuanhama, oxihero, olunyaneka, nkhumbe e, em geral, outras línguas africanas com as mesmas características, como, por exemplo, a presença da vogal de “*aumento*” que precede sempre o prefixo nominal em todas as classes, exceptuando a classe 5, onde a vogal edesempenha dupla função (de prefixo e de aumento).

Como exemplo, temos a unidade lexical *elimba* (marimba).

Cada língua de Angola é estruturalmente diferente e carrega consigo uma cultura. Uma língua viva existe no seio de uma comunidade de falantes; é pertença da sua identidade que depende de factores sociais e culturais.

1.2 Características da Língua Umbundu

Em termos de funcionamento, em Umbundu, os fones [f], [h], [k], [l], [m], [n], [p], [s], [t], [v] têm um valor único, representando, cada um deles, um único fonema. Já a letra *b*, na escrita e na pronúncia, nunca aparece de forma isolada, mas sim, sempre antecedida da letra /*m*/, atribuindo-lhe um carácter mais áspero, no início e no meio de vários vocábulos. Esse é o caso de *mbimbi, ombelela, mbwale*, etc.

Por sua vez, a letra *c* tem sempre o valor [ç], como por exemplo: *ocipala, ocipito*.

No caso da letra *d* nunca aparece sozinha; é sempre antecedida e/ou intermediada por *n*.

Exemplos: *ndombe, kandjala*.

A letra *n*, quer seja nasalizada, quer não seja, também intermedeia e introduz as letras *ge j*.

Existe ainda uma outra particularidade: *a j* pode formar o grupo de letras *dj*, reforçado pela *n*, passando assim para o grupo *ndj*.

Exemplos: *ondjila* (dependendo da tonalidade que se dê na pronúncia desta unidade lexical, pode significar caminho ou pássaro), *sangeve* (pai da Ngueve), *Ñgala* (senhor, Deus), *ondjanga* (pressa).

Em Umbundu, quer esteja no início da palavra ou no meio, tem sempre o mesmo valor [S]. O seu valor não altera em função do grupo a formar-se, ou do lugar onde ocorra, como acontece na língua portuguesa.

Exemplos: *Nasapalo (mãe do/a Sapalo = sábado), sondjamba (pai dos gémeos = olondjamba), sekulu (o mais velho, o idoso).*

Quanto às vogais, também encontramos as mesmas da língua portuguesa: /a/, /e/, /i/, /o/, /u/; podem ser orais e nasais.

Sabe-se que as orais, na sua pronúncia, não exigem fluxo de ar pelas fossas nasais (*elyapu* = diabo). As nasais, porém, são auxiliadas com o fluxo de ar pelas fossas nasais. Este é o caso das seguintes palavras: *omolã*(criança), *ukulũ* (maior de idade).

Referindo-nos aos falantes da Língua Umbundu, de uma forma geral, esses não conseguem realizar certos sons, concretamente o Z, característico da língua portuguesa. Este som é quase sempre trocado por S.

Relativamente a esta particularidade, Costa (2013, p. 19), no seu entender, afirma ser quase normal que um falante da língua materna Umbundu, embora com grau de escolaridade aceitável, ao realizar o referido som, tenha de trocá-lo por S, devido à inexistência daquele no seu quadro alfabético.

Esta não é a única característica para os falantes da Língua Materna Umbundu. Existem outros casos, como por exemplo o fone R que, em casos de alguma distração do falante, pode ser trocado por L, assim como a nasalização frequente de algumas consoantes.

Exemplos: - Rato = [átu; Gozo = ngósu; Bomba = mbõb

Segundo Barros (2002, p. 38), os falantes da Língua Umbundu têm uma outra característica ao realizarem o Português que é a paragoge, consistindo esta em acrescentar o (i) e, em alguns casos, o (e) no infinitivo dos verbos, como se pode verificar nos casos seguintes:

Chorar = chorare/chorari; Comprar = comprare/comprari e outros.

Em linhas gerais, estas são as características mais marcantes que, na oralidade, podemos verificar nos falantes do Português que têm o Umbundu como língua materna.

Na escrita, podemos observar uma certa concentração, algum esforço em procurar “respeitar” as regras da escrita da língua portuguesa, segundo a norma europeia.

Assim, podemos afirmar que, face a essas dificuldades, próprias do falante, falar o Português de forma “correta”, fonologicamente constitui um esforço acrescido para o nativo Umbundu que tem essa língua como materna.

3.2. Sistema Linguística do Umbundu

A Língua Umbundu, segundo a classificação de Malcom (1948), está disposta em sistema de classes linguísticas, possuindo dezoito classes de concordância, caracterizada

cada uma pela presença do prefixo substantival e prefixo dependente.

Para Grégoire le Guennec et al. (2010, p. 56), em mbundu, cada classe tem o seu significado específico, exprime um conceito e sintetiza uma ideia, ideia essa que pode ser genérica no singular, e esmiuçada no plural, ou vice-versa.

Acrescentando, os autores afirmam que, nas línguas bantu, as classes possuem noções próprias que lhes são características, podendo apresentar-se como um nome completo, subentendendo-o do radical.

Exemplos: *u- wetu (este é nosso); ava- vetu (Estes são nossos).*

Quando o falante do Umbundu diz: *u-wetu* e *ava-vetu*, nestas duas expressões estão implícitas as seguintes noções: “*Este homem é nosso = u- wetu/ Estes homens são nossos = ava- vetu.*”

Voltando à formação das classes, passaremos a apresentar o quadro que reflete as dezoito classes de que já falámos:

Quadro 2: Classes da Língua Umbundu

Classes	Prefixo Substantival	Prefixo Dependente		
		Série I	Série II	Série III
1ª	Omu -, u-	Omu-, u-		
2ª	Oma-, a-, va-	Va-	o-	Va-
3ª	u-	u-	u-	u-
4ª	Ovi-	vi-	vi-; o-	vi-
5ª	e-, i-	li-	e-	li-
6ª	a-, ova-	Va-	Va-	Va
7ª	Oci-	ci-, co-	ci-; co-	Ca
8ª	Ovi-	o-	o-	Vi
9ª	O-	e-, o-	e-; o-	i-
10ª	Olo-	e-, o-	e-; o-	vi-
11ª	Olu-	Olu-	Olu-	Lu-
12ª	Oka-	Ka-	Ka-	Ka-
13ª	Otu-	Tu-	Tu-	Tu-
14ª	u-	u-	u-	u-
15ª	Oku-	Ku-	Ku-	Ku-
16ª	Ko-, ki-	Ko-, ki-	Ko-; ki-	Ko-; ki-
17ª	Ko-, po-	Ko-, po-	Ko-; po-	Ko-; po-
18ª	Vo-	Vo-	Vo-	Vo-

Fonte: Elaborado pelos autores.

É com base nestas dezoito classes que são formados os substantivos, os verbos, os adjetivos e os advérbios em Umbundu.

Segundo Vilela (1994, p. 57), no conjunto do léxico de uma língua, os substantivos constituem o ponto de partida para a nomeação de tudo o que a tecnologia e o progresso trazem de novo para a comunidade, por serem a via por onde passa a designação das coisas inventadas ou importadas.

Quanto a esta questão, Ntondo (2006, p. 50) afirma que os substantivos simples, na língua bantu, são formados, de uma maneira geral, por um lexema ao qual se junta um prefixo, tornando-se apto a assumir uma função sintática num enunciado.

Numa língua viva, o dinamismo linguístico leva a produzir cada vez mais novas unidades lexicais que correspondem à necessidade da comunicação intersocial.

Fizemos aqui referência a classes e, segundo a nossa pesquisa e “olhando” para os emparelhamentos, chama-se *classe* a todo o sistema que permite aos substantivos participar na expressão da distinção de número (singular e plural).

A transferência de uma classe para outra é feita por meio de dois processos que são a substituição de prefixos e / ou a adição de prefixos.

No processo de substituição de prefixos, um determinado prefixo que pertença a uma outra classe pode ser trocado ao entrar em contacto com a classe em que se insere.

3.3 Regência dos Verbos na Língua Umbundu

Para abordarmos sobre a formação dos verbos, na língua Umbundu, para além do sistema de classes, onde a classe 15 está reservada à formação dos verbos, utilizando o seu prefixo característico verbal.

Ora, falarmos do verbo *ir*, que em Umbundu, estaríamos diante do verbo *okwenda* (ir) é um verbo com funcionamento totalmente diferente do Português. Na língua portuguesa, esse verbo tem regência posposta ao verbo, enquanto que, na língua Umbundu, podemos falar de regência verbal anteposta ao verbo, tal como demonstraremos a seguir.

3.4 Regência dos Verbos Ir em Umbundu

Tal como já fizemos referência, a língua Umbundu é desprovida de artigos e de preposições, passando a fazer o seu papel os prefixos presentes no sistema de classes e no processo de emparelhamento. Assim, podemos afirmar que, as partículas que desempenham a função de regência, de qualquer verbo, na língua Umbundu, tal função é desempenhada pelo prefixo da classe 15 (elemento de formação do verbo), anteposto à base verbal.

Exemplos: Ir = Okwenda; onde: okw (prefixo verbal) + enda (base verbal = ir).

Notar que, nesta formação, o verbo *okwenda*, encontra-se, na sua forma infinitiva, impessoal. De lembrar que, os verbos em Umbundu também observam a flexão; mas sempre, na sua posição anteposta ao verbo. Ora, como veremos, a conjugação do verbo *ir*, nos tempos simples do indicativo (presente, pretérito perfeito, imperfeito e futuro), na seção mais abaixo.

4 Teoria da Sociolinguística Variacionista e Contato Linguístico

Para explicar teórica e metodologicamente a nossa pesquisa, entendemos a teoria da variação e mudança

linguística de Labov (2008 [1972]) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) adequada para análise do nosso fenômeno, pelo fato de essa teoria entender a língua como um sistema heterogêneo que comporta regras categóricas e variáveis, admitindo que a variação é inerente a esse sistema e também é influenciada tanto com fatores internos como por fatores de natureza social.

Olhando pela complexidade linguística de Luanda, lugar escolhido como comunidade de fala, a metodologia quantitativa proposta por esses autores ajudar-nos-á a comprovar se os fatores externos e internos da língua estão na base da variação ou mudança linguística do português falado em Luanda.

Se a variedade do português brasileiro é formada pela participação das línguas africanas, como apontam os estudos de (Matos e Silva, 2004, Florin e Petter, 2008, Castro, 1980, Lucchesi, 2014), o que seria, então, a variedade do português angolano, de onde essas línguas africanas pertencem até aos dias de hoje?

Acreditamos que a língua portuguesa transplantada em Angola apresenta suas particularidades próprias, diferentemente das outras variedades, havendo uma motivação sócio-histórica por conta do intenso contato linguístico, tal como ocorreu no Brasil.

A formação do português falado em Luanda-Angola é fruto do contato linguístico entre o português e as línguas bantu de Angola, que sempre estiveram em convívio desde 1482, data em que os portugueses chegaram naquela parcela do continente africano, até aos dias de hoje.

Segundo Winford (2003, p. 1), o estudo dos efeitos do contato linguístico tem sido um ponto focal de interesse para os linguistas desde o período inicial do estudo científico da linguagem no século XIX.

Para a nossa pesquisa, no assunto referente ao do contato entre línguas, vamos focar a nossa abordagem à sociolinguística de contato proposta por Weinreich (1953), por se tratar de um estudo inicial e referenciado na teoria do contato linguístico.

4.1. Contato entre Línguas

Inicialmente, a sociolinguística de contato tem como pioneiro o norte americano Uriel Weinreich (1953), com a sua obra *Languages in Contact: Findings and Problems*. É um estudo pioneiro sobre o fenômeno do contato entre línguas, fazendo uma abordagem às consequências linguísticas que ocorrem quando falantes de diferentes línguas interagem regularmente, seja devido à migração, colonização (caso específico de Angola), comércio ou outras formas de comunicação intercultural.

O autor também explora, na sua obra, como os indivíduos e comunidades desenvolvem e mantêm proficiência em mais de uma língua, além de como essas línguas influenciam umas às outras, e para o nosso caso, estaríamos a falar do português com as línguas Umbundu,

kimbundu, kikongo e outras línguas nacionais de Angola. Discute-se também os tipos de interferências que ocorrem, quando estruturas gramaticais ou lexicais de uma língua afetam a outra, resultando em mudanças na fonética, sintaxe, semântica e pragmática, fazendo uma investigação com objetivo de entender as condições sob as quais as línguas em contato permanecem estáveis ou, ao contrário, sofrem mudanças significativas.

5 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para o desenvolvimento deste estudo, recorremos a uma pesquisa com abordagem quantitativa, de natureza descritiva e que se procedeu bibliograficamente, nas áreas específicas da Sociolinguística Variacionista, em realidades linguisticamente similar (Luanda-Angola, Semiárido Baiano e Salvador).

Para a execução deste estudo, utilizou a amostra de fala que pertence ao projeto “Em Busca das Raízes do Português Prasileiro”, sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana, fase III, estudos morfossintáticos”, aprovado pelo Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão no ano de 2009 (CONSEPE, 0036/09) e pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) em 27/11/2012 (CAAE nº 04641412.7.0000.0053).

Do *corpus*, a sua constituição é por duas amostras de fala. Uma de participantes que têm o português como língua materna, que perfaz 32 entrevistas e as demais são com participantes que têm o português como L2, perfazendo 24 entrevistas. Nesse total de 56 entrevistas, optamos por usar apenas 10 entrevistas com participantes que têm o português como L2, entretanto, duas entrevistas são com participantes do ensino superior, um homem e uma mulher, 4 com ensino médio, duas mulheres e dois homens e 4 sem escolaridade, dois homens e duas mulheres.

Milroy (1980) argumenta que os padrões de interação social são cruciais para entender a variação linguística, frequentemente usando adultos como seus principais sujeitos de estudo. Assim, optamos em trabalhar com participantes que comportam idade dos 21 aos 35 anos, porque são comuns em estudos sociolinguísticos, uma vez que já possuem um repertório linguístico completo e estão expostos a várias influências sociais e culturais que podem interferir no seu uso da linguagem.

Variáveis Linguísticas Controladas no estudo foram: (i) regência verbal, como o verbo de movimento *ir* é regido em Umbundu comparado com as variedades de Angola e Brasil. Por exemplo, o uso de preposições *a*, *para* e *em*. (ii) Estrutura Frasal: Comparação da ordem das palavras e da estrutura das frases no Umbundu e no português angolano e brasileiro. (iii) Uso de preposições: Análise de quais preposições são usadas com o verbo *ir* em ambas as línguas e como essa escolha pode ter sido influenciada pelo Umbundu.

Variáveis Sociais Controladas foram: (i) Origem geográfica dos falantes, onde consideramos a proveniência dos

escravizados, especialmente os de Angola e, mais especificamente, da região sul de Angola (provincia de Benguela) (ii) Nível de proficiência em L2 (Português), em que se procurou avaliar o nível de proficiência dos falantes de Umbundu em português e como isso pode afetar a interferência linguística. (iii) Nível de educação formal recebido pelos falantes e sua exposição ao português padrão.

5.1 Análise e Interpretação dos Resultados

Das 10 entrevistas analisadas, observamos 116 ocorrências com a regência do verbo de movimento *ir*.

Das 116 ocorrências de regência verbal com o verbo de movimento *ir* registradas, no quesito masculino, com o ensino superior ocorreram em 17 ocasiões, ensino médio 21 e sem escolaridade 29 vezes, o que totaliza 67 ocorrências. Quanto ao gênero feminino, com ensino superior ocorreram em 11 ocasiões, ensino médio 16, e sem escolaridade 22 ocasiões, totalizando 49 ocorrências.

No que diz respeito ao nível de escolaridade do gênero masculino, a maioria dos homens que usam a variante não padrão europeia são aqueles sem escolaridade (29 casos), pois, indivíduos com menor escolaridade podem estar mais propensos a usar formas de linguagem que são menos normatizadas, refletindo uma variação linguística associada à classe social e acesso à educação. Seguidamente vem a classe do ensino médio com 21 casos. Um dado muito importante nessa análise da classe superior e gênero masculino é fato de encontramos 17 casos em que a regência do verbo de movimento *ir* é a não padrão, como se pode observar na seguinte entrevista de participante do ensino superior, gênero masculino:

(1) ah! *Fui para Benguela*. Aquelas brincadeiras das meninas.

(2) *Irem para a escola* ainda ver-se memo nas periferias.

Nestas duas sentenças, espera-se, segundo a norma padrão europeia, a variante *a*, quando se trata de o verbo de movimento *ir*, mas o participante prefere a variante *para* a *a*, que é padrão no português falado em Angola, como poderemos observar em outras falas, posteriormente. Por outro lado, as pessoas com nível de escolaridade tendem a conversar a variante padrão europeia, mas isso não se observa nos dados analisados com tanta regularidade.

No que diz respeito ao nível de escolaridade do gênero feminino, observou-se que mulheres sem escolaridade também ocupam maior categoria entre (22 casos), a seguir daquelas com ensino médio 11 casos e por fim, a nível superior com 11 ocorrências. Labov (1966) observou que as mulheres tendem a usar formas mais prestigiadas da linguagem mais frequentemente do que os homens. O autor argumentou que isso poderia ser porque as mulheres são mais sensíveis às pressões sociais e, portanto, mais propensas a usar a linguagem de uma maneira que reflete normas sociais.

Eckert (1989) explorando o estudo da variação linguística e a identidade, em *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*, a autora também encontrou evidências de que as mulheres tendem a aderir mais às normas linguísticas em certos contextos, em contraste com os homens que podem ser mais inovadores.

Podemos afirmar que os dados sugerem que tanto o nível de escolaridade quanto o gênero são fatores importantes que influenciam o uso da regência verbal com o verbo de movimento *ir*. A maior incidência entre indivíduos sem escolaridade e a diferença de uso entre homens e mulheres refletem como fatores sociais e culturais impactam o comportamento linguístico. Esses achados estão alinhados com as perspectivas sociolinguísticas que enfatizam a interseção entre linguagem e sociedade, mostrando que a variação linguística é uma manifestação das diversas realidades sociais dos falantes, assim, a razão da teoria sociolinguística e contato linguístico para fundamentar esse estudo.

No português falado em Luanda, a variante padrão europeia *a* tem sido substituída pelas variantes *para* e *em*, isso se explica também pelo fato de Angola ser um país onde as línguas nacionais são desprovidas de regência verbal, o que não ocorre no português europeu.

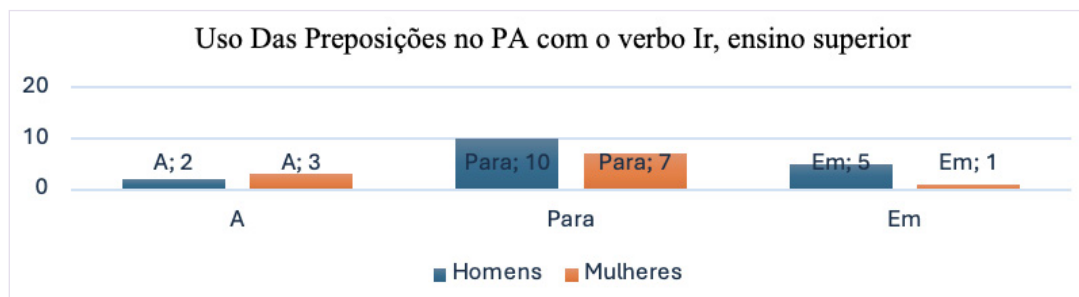
A regência verbal do português falado em Luanda-Angola tem sido caracterizado por uma vasta variação de uso, em que as variantes *para* e *em* têm sido mais frequentes na fala do PA.

Afonso (2020), na sua dissertação intitulada *Regência dos Verbos de Movimento. Um estudo comparativo entre o Português de Angola e o Português Europeu* utilizou entrevistas com tempo de 40 a 60 minutos de duração e foram feitas a falantes bilíngues que têm L1 Umbundu e L2 português. Dos dados analisados, no que diz respeito ao verbo *ir*, observou 192 ocorrências, em que na faixa etária dos 40 aos 55 anos com ensino superior pertencentes identificou o seguinte: variante *em* 4 casos, variante *a* 8 casos e variante *para* 17, o que corresponde o total de 29 ocorrências com participantes de nível superior.

Undolo (2014), ao estudar a caracterização do português de Angola com dados de participantes com ou em formação superior, identificou que há uma aceitação generalizada da substituição da preposição *a* pela preposição *em*, sempre que a categoria regente é o verbo *ir*.

Para concordar com o nosso estudo, apresentamos um exemplo em que esse fenômeno também ocorre com participantes do ensino superior, gênero masculino.

Figura 1: Uso das preposições no nível de escolaridade superior



Fonte: Elaborado pelos autores.

(1) fui lhe dando, assim, umas dicas do que era Huambo naquela altura, quando, quando *fui no Huambo* só tinha dezoito anos, foi em mil novecentos e oitenta e dois...

Diante do que foi exposto, conseguimos perceber que a variante *a*, no português falado em Luanda, não é a que predomina a regência desse verbo, ela está variando junto da preposição *para* e *em*. Assim, pode-se afirmar que entre falantes de ensino superior, a preposição *para* é a mais usada na regência do verbo *ir*, substituindo a variante europeia.

Um outro aspecto relevante no encaixamento dessas variantes *para* e *em* na comunidade de fala de Luanda é a interferência da língua Umbundu, que não comporta a mesma estrutura sintática. Como dissemos, anteriormente, as partículas que desempenham a função de regência, de qualquer verbo, na língua Umbundu, tal função é desempenhada pelo prefixo da classe 15 (elemento de formação do verbo), anteposto à base verbal.

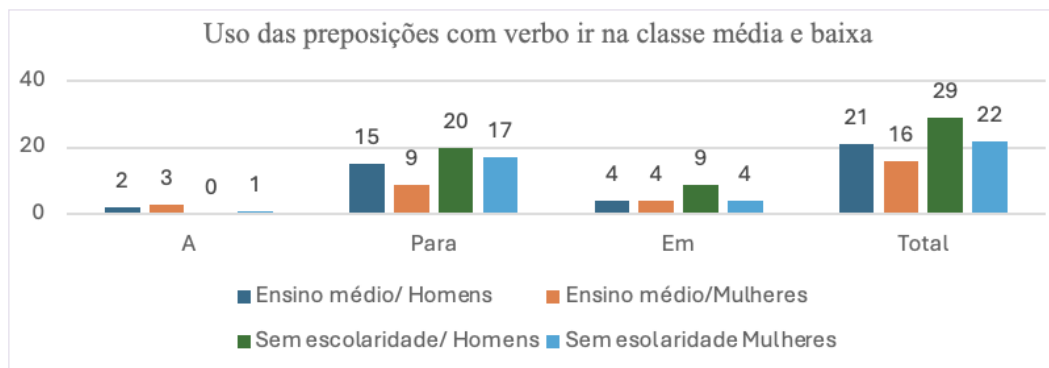
Exemplos: *Ir = Okwenda*; onde: *okw* (prefixo verbal) + *enda* (base verbal = *ir*).

É ainda importante referir que, para este estudo, trabalhamos com participantes majoritariamente que têm o português L2 e Umbundu L1. Daí, tais interferências no português de Angola, o que é mais frequente com participantes de nível de escolaridade média ou primária, como vamos constatar no gráfico a seguir.

Nestas variáveis, conseguimos notar que a variante *para* é que mais rege o verbo de movimento *ir* no português falado em Luanda, como se já observou com participantes do ensino superior.

No gráfico em análise, quanto ao uso da variante *a* ocorreu da seguinte maneira: homens de nível médio 2 ocorrências, com ensino primário sem ocorrência, mulheres com nível médio 3 ocorrências, mulheres com ensino primário 1 ocorrência.

Figura 2: Uso das preposições no nível de escolaridade médio e baixa



Fonte: Elaborado pelos autores.

Apresentamos, a seguir, o quadro que ilustra o uso da variante *a*, na nossa pesquisa.

No ensino médio, tanto homens quanto mulheres utilizam a variante *a*. No caso de mulheres há 3 ocorrências e elas tendem a usar essa variante mais do que homens com apenas 2 ocorrências.

Quadro 3: Ocorrências do uso da Variante *a*

Gênero	Nível de Escolaridade	Ocorrências
Homem	Ensino Médio	2
Homem	Ensino Primário	0
Mulher	Ensino Médio	3
Mulher	Ensino Primário	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Já com ensino primário, não há ocorrências entre os homens, enquanto há 1 ocorrência entre as mulheres. Normalmente, as mulheres podem estar mais inclinadas a usar formas linguísticas mais conservadoras ou normativas, refletindo uma maior adesão às normas gramaticais ensinadas formalmente. Entretanto, a maior frequência de uso entre mulheres pode sugerir uma maior conscientização e valorização das normas padrão da língua, possivelmente devido a diferenças nas práticas de socialização.

Um dado importante é que a ausência de ocorrências entre homens com ensino primário pode indicar que um menor nível de escolaridade está associado a uma menor frequência de uso da variante *a*, sugerindo que a escolaridade desempenha um papel na adoção de formas linguísticas normativas.

Como o foco é controlar as variáveis linguísticas e extralinguísticas, veremos agora o tratamento da regência do verbo *ir* de movimento com a preposição *para*, no quadro 4.

Observa-se que houve, no gênero masculino, 15 ocorrências com a variante *para* em participante de nível médio, 20 com participantes do ensino primário. Já para mulheres, com nível médio houve 9 ocorrências e 17 com nível primário.

Quadro 4: Ocorrências do uso da Variante *para*

Gênero	Nível de Escolaridade	Ocorrências
Homem	Ensino Médio	15
Homem	Ensino Primário	20
Mulher	Ensino Médio	9
Mulher	Ensino Primário	17

Fonte: Elaborado pelos autores.

No que diz respeito à influência do nível de escolaridade, percebe-se que há maior frequência de uso da variante *para* com aqueles que têm o ensino primário (homens e mulheres). Assim, participantes de nível médio e básico de escolaridade têm pouco domínio da norma considerada culta, o que nos leva a concordar com Votre (2010, p. 52), que o modo de comunicação das pessoas desprovidas de prestígio econômico e social tende a ser avaliado como estigmatizado.

Vejamos os seguintes exemplos extraídos em falas de participante com ensino médio, gênero feminino:

- (1) Quando a criança é educada pelos pais e até essa criança *vai pra rua*, começa a adquirir outros comportamentos chega em casa.
- (2) Saía da escola sem almoçar *ia pra escola*.
- (3) Já, já. Saí de Angola, *fui pra Lisboa*.
- (4) Eu *ia sempre pra escola*

Outros exemplos de participantes com ensino médio, gênero masculino.

- (1) Depois daquele passeio, desse movimento todo, os dois *iam pra casa*, um beijinho daqui e dali e amanhã era outro dia.
- (2) Na hora de sair da escola vou lhes apanhar para *irmos para nossa casa*.

Essa tendência generalizada do uso frequente da variante *para* em detrimento da *a*, em contexto de regência verbal, no português angolano, é um indicador que a gramática da PA está tomando um curso diferente da português europeu, assemelhando-se ao português brasileiro, tal como vamos ver no próximo item.

No que tange ao gênero, homens, tanto com ensino médio quanto com ensino primário, tendem a usar a variante *para* mais frequentemente do que as mulheres. Isso pode indicar uma tendência dos homens de utilizar formas mais coloquiais ou menos normativas em comparação com as mulheres.

Esses dados apontam para uma variação linguística que é moldada tanto por fatores educacionais quanto de gênero. A maior frequência da variante *para* entre homens e pessoas com menor escolaridade sugere que esses grupos podem estar menos influenciados por normas gramaticais prescritivas e mais pelo uso coloquial da língua.

Para terminar esse quadro da análise dos dados, no quadro a seguir, vamos procurar entender como é a frequência da variante *em* no português falado em Luanda-Angola.

Quadro 5: Ocorrências do uso da variante *em*

Gênero	Nível de Escolaridade	Ocorrências
Homem	Ensino Médio	4
Homem	Ensino Primário	9
Mulher	Ensino Médio	4
Mulher	Ensino Primário	4

Fonte: Elaborado pelos autores.

A variante *em*, no português de Luanda, é aquela que concorre com a variante *para*, sobretudo na fala de participantes com nível de escolaridade primária, pois, ela

tem uma grande influência das línguas bantu de Angola, em que a partícula *ko*, que pode desempenhar a função de preposição, estando inserida no prefixo verbal e significa, ao mesmo tempo, *para*, *em* e *a*.

Se virmos os exemplos de fala extraída em participante do gênero masculino, ensino primário, vamos observar o seguinte:

- (1) Eu ia passando para *ir na praça encontro dele*.
- (2) Não, mas aqui não vou *na igreja*.

Traduzindo as duas primeiras sentenças, na língua Umbundu, que é a língua primeira desse participante, nascido na província de Benguela, vamos perceber o seguinte:

- (1) *Ame Nguenda kopalaça*. (Correspondente a: Ir na, ir para ou ir à praça).
- (2) *Ame nguenda konembele*. (Correspondente a: vou na igreja, vou para igreja, vou à igreja).

Normalmente, falantes da língua Umbundu tendem a optar pela variante *para* ou *em*. Essa preferência por *para* ou *em* é influenciada por uma combinação de fatores linguísticos e socioculturais, pois, as estruturas sintáticas do Umbundu, a simplicidade e regularidade das preposições *para* e *em*, e as influências do ensino e da identidade cultural contribuem para essas escolhas, sem esquecer do contexto multilíngue de Angola e forma como o português foi imposto.

Para um entendimento melhor do funcionamento do verbo *ir* de movimento, passamos a demonstrar como se comporta em cada tempo de conjugação, no quadro 6:

Quadro 6: Conjugação do verbo *Ir* em Umbundu

Pessoa	Verbo <i>Ir</i> = (okuenda) Presente do Indicativo	Pretérito Perfeito	Imperfeito
(1ª) ame (eu)	Nguenda (vou)	Ndandele (fui)	Ngandale (ia)
(2ª) ove (tu)	Wenda (vais)	Wandele (foste)	Wandale (ias)
(3ª) eye (ele)	Enda (vai)	Wandele (foi)	Wandale (ia)
(1ª) etu (nós)	Twenda (vamos)	Twandele (fomos)	Twandale (íamos)
(2ª) ene (vós)	Wendi (vade/ ide)	Wandeli (fostes)	Wandali (íeis)
(3ª) ovo (eles)	Vanda (vão)	Vandele (foram)	Vandale (iam)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como podemos observar, na conjugação do verbo *ir*, em todas essas formas (singular e plural), a partícula de regência, quase que, não se consegue detetar, por ter a característica de se acoplar à forma verbal, funcionando como um todo, caso que não acontece com a língua portuguesa.

Independentemente disso, os falantes dessa língua podem realizar interferência linguística, uma vez que, qualquer falante de uma língua materna, ao adquirir uma segunda língua, tende sempre a elaborar a sua comunicação com base na estrutura linguística já interiorizada. Daí que, na realização

da língua portuguesa há sempre um substrato de uma outra língua nesses falantes da língua materna Umbundu, o que resulta ser muito normal.

5.2 Alguns Estudos sobre a Regência do Verbo *Ir* de Movimento no Estado da Bahia (Brasil)

O ponto fundamental deste estudo é procurar semelhanças entre o português falado em Angola e o português falado na Bahia. A razão de se ter selecionado esse estado

deveu-se ao fato de ser um local que mais recebeu escravizados na era do tráfico de escravos, o que nos levou a construir a hipótese de que uma parcela da região sul de Angola também terá sido traficada para essa localidade do Brasil. Não queremos afirmar que o Umbundu foi uma língua falada ou documentada como aconteceu com o kimbundu, mas realçar que aspectos da gramática do Umbundu também são visíveis no português falado por essa variedade da Bahia.

Batista e Lopes (2020), nos estudos iniciais da sua dissertação, ao estudar *A Variação na Regência do Verbo Ir (de Movimento) em Salvador*, com participantes dos dois sexos, escolaridade fundamental e média, nascidos em Salvador, *corpus* da pesquisa constituído por 16 inquiridos do Programa de Estudos sobre o Português Falado de Salvador (PEPP), procurou-se controlar as variáveis sexo, escolaridade e idade. As autoras encontraram 219 ocorrências com verbo *ir* de movimento, das quais a variante *para* foi a mais utilizada com 180 ocorrências, a variante *em* com 26 e a variante *a* com 13 ocorrências. Observa-se que as variantes *em* e *a* são muito menos utilizadas nas construções com o verbo *ir* de movimento.

Com os efeitos da escolaridade, conclui-se que o peso relativo da preposição *para* é menor na escolaridade fundamental, o que parece indicar que as pessoas que têm apenas esse nível de escolaridade tendem a utilizar menos a preposição *para* do que aqueles que possuem o nível médio, pois, na comparação feita por elas, entre os pesos referentes às duas escolaridades revela que quanto mais escolaridade, o falante tende a usar menos a preposição *em* e mais a preposição *para*.

Jesus (2014), estudando *A Regência Variável do Verbo Ir de Movimento em Comunidades Rurais do Semiárido Baiano*, a autora trabalhou com amostras de fala espontâneas gravadas nas comunidades rurais de Piabas, Matinha, Barra e Bananal, Casinhas, Tapera e Lagoa do Inácio. As gravações pertencem ao projeto A Língua Portuguesa no Semiárido Baiano, sediado na Universidade Estadual de Feira de Santana, composta por 72 entrevistas. Investigou-se as variantes *para* e *em*, visto que a preposição *a* junto de verbos de movimento.

Das 582 ocorrências com o verbo *ir* de movimento, houve 418 realizações com a variante *para* e 164 com a variante *em*. Diante desses resultados, a autora afirma que no vernáculo dos falantes de comunidades do Semiárido Baiano, há uma maior aplicação da variante *para* em relação à variante *em*. Os dados da pesquisa comprovaram o desuso da variante *a*, pelo fato do reduzido número de ocorrência.

Um dado importante nesse estudo é a variável escolaridade, que também foi estudada na nossa análise. No referido estudo de Jesus (2014, p. 229), percebeu-se que participantes analfabetos ou semianalfabetos tendem a usar mais a variante *para*, com 117 ocorrências das 260 registadas e 84 uso da variante *em*, nas 260 também registadas. Já na 5ª e 6ª série, que em Angola chamamos de ensino primário, observou-se 39 ocorrências com a variante *para* nas 47 observadas e 8 com a variante *em*, na também 47 observadas.

Na variável gênero, conclui-se que as mulheres do Semiárido Baiano confirmam a tese de que a mulher é mais sensível às formas socialmente prestigiadas, tratando-se de variação estável ou mudança na língua (Labov, 2006).

Estes dois estudos apresentados para comparar as variedades de Angola e Brasil são indicadores de que o português que está sendo falado nesses em Angola e no Brasil dialogam no que diz respeito a regência do verbo *ir* de movimento.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados por aqui apresentados, sejam eles da variedade angolana ou da variedade brasileira, dialogam do ponto de vista da regência verbal. Isto se justifica por duas razões históricas: A primeira pelo fato do Brasil receber maior número de escravizados provenientes de Angola, que trouxeram suas línguas de origem, como o Umbundu e, em segundo lugar, pela Bahia ser um Estado que muito recebeu esses africanos. Castro (1986, p. 82) diz que o Recôncavo e a cidade de Salvador são duas regiões que sempre estiveram interligadas por linha histórica contínua. Nela se desenvolveu uma sociedade que tem assimilado e integrado elementos culturais africanos.

Na busca das raízes do português brasileiro, Teixeira e Araújo (2017) afirmam que há semelhanças morfossintáticas na variedades de Angola e Brasil, motivadas pela presença maciça de escravizados africanos durante mais de três séculos, majoritariamente na Bahia. Este fato faz-nos concluir que a Bahia foi crucial no Brasil colonial, tanto econômica quanto culturalmente e que essa presença de muitos africanos contribuiu para a formação da identidade cultural e linguística do Brasil atual. Vale também arrematar que essas semelhanças entre o PB e o PA derivam da hipótese do forte contato linguístico que se produziram nessas duas variedades, o que Petter (2017, p. 37) chamou de *continuum* da língua portuguesa que se estendeu para África.

Portanto, é um fato afirmar que o português falado na região da Bahia e outras localidades do Brasil e Angola é fruto do contato com as línguas africanas, que por longo período da escravatura, mantiveram-se no espaço geográfico brasileiro. Precisar-se-á de muitos estudos descritivos destas variedades para comprovar esta hipótese do contato na formação do Português de Angola e do Brasil.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Horácio. **Regência dos verbos de movimento/ Um estudo comparativo entre o português de Angola e o português europeu.** Dissertação, (Mestrado em Ciências da Linguagem) Universidade do Minho, 2020.

ARAÚJO, Silva; JÉSSICA, Silva. **Queímo e Dequeísmo.** In: TEIXEIRA, Eliana; ARAÚJO, Silva. Diálogos entre Brasil e Angola o português d'aquém e d'além-mar. Feira de Santana: UEFSE Editora, 2017.

- BATISTA, Pereira; LOPES, da Silva. **A variação na regência do verbo ir (de movimento) em Salvador**. Revista Philologus, Fluminense, 2020.
- BONVINI, Emilio. **Línguas africanas e português falado no Brasil**. In: FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida Maria Taddoni (Orgs.). *África no Brasil: a formação da língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2009, p. 15-62.
- BORBA, da Silva. **Organização de Dicionários, Uma introdução à lexicografia**. Editora UNESP, São Paulo, 2003.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **A matriz africana no português do Brasil**. In: CARDOSO, Suzana; MOTA, Jacyra, MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. (Orgs.). *Quinhentos anos de história linguística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia. 2006. p. 83-116.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **África descoberta**; uma história recontada. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 23, 1980, p.135-140.
- CORREIA, Margarita, et al. **Inovação Lexical em Português**, Colibri, Lisboa, 2005.
- COSTA, Teresa. **Os Empréstimos Lexicais no Português Falado em Angola** – Um estudo lexicológico da variante angolana. Editora Gráfico, Luanda, 2013.
- DANIEL, Alain; SZEND, Thomas. *Dictionnaires Bilingues Méthodes et contenus*. Honoré Champion, Paris, 2000
- ECKERT, Peter. *Jocks and Burnouts: Social Categories and Identity in the High School*. New York: TeachersCollege Press, 1989.
- FIRMINO, Gregório. **A Questão Linguística na África Pós-colonial. o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique**, Textos Editores, LDA, Maputo, 2006.
- FLÓRIN, José; PETTER, Margarida. **África no Brasil: O Léxico Africano no Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2009.
- GUENNEC, Grégoire; VALENTE, Francisco. **Dicionário Português-Umbundu**, reedição, Escolar Editora, Angola, 2010.
- GUTHRIE, Malcom. *The Classification of the Bantu Languages*, Oxford University Press, London, 1948.
- JESUS, Hilmar. **A regência Variável do Verbo Ir de Movimento em Comunidades Rurais do Semiárido Baiano**. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].
- LINO, Teresa. **Importância da Lexicologia Contrastiva**. In Letras Soltas. Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1979.
- LINO, Teresa. **Métodos Lexicológicos e métodos Terminológicos**. Comunicação apresentada no *Colóquio Internacional de Terminologia Científica e Técnica*, UNL, Lisboa, 1990.
- LOBO, Tânia. **A formação histórica do português brasileiro: o estado da questão**. Comunicação apresentada no XI Congresso da Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), realizado em Las Palmas de Gran Canaria. Texto inédito, 1996.
- LOUIS, Calvet. *La Guerre des Langues et les politiques linguistiques*, Hachette Littératures, Paris, 1999.
- LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; ILZA, Ribeiro. **O português afrobrasileiro**. Salvador, EDUFBA, 2009.
- LYONS, John. **Semântica I**, trad. DeWanda Ramos, Editorial Presença/Martins, Lisboa, 1977.
- MAIA, da Silva. **Dicionário Português- Kimbundu- Kikongo Línguas nativas do Norte de Angola**, 1961.
- MALUMBU, Moisés, (2005), **Os Ovimbundu de Angola, Tradição – Economia e Cultura Organizativa**, Edizioni Vivere in, Roma, 2005.
- MALUMBU, Moisés. **Gramática da Língua Umbundu**, Onungandaka Y'elimi Ly'umbundu, Umbundu- Português, Edizioni Vivere in Roma. 2007.
- MARQUESE, Rafael. **A dinâmica da escravidão no Brasil: resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX**. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 74, p. 107-123, Mar. 2006.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004.
- MATTOSO, Kátia. **Ser escravo no Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- MILROY, Lesley. *Language and Social Networks*. Oxford: Blackwell, 1980.
- MINGAS, Amélia. **Ensino da Língua Portuguesa no Contexto Angolano**, In MATEUS, Maria Helena Mira, (Coord.), 2002, *Uma Política de Língua para o português*, (Colóquio Julho 1998), Colibri, Lisboa;

- NTONDO, Zavoni. **Morfologia e Sintaxe do Nganguela**, editorial Nzila, Luanda, 2006.
- PETTER, Margarida. **Línguas africanas no Brasil**. Gragoatá, Rio de Janeiro, v. 19, p. 193-227, 2005.
- PETTER, Margarida. **Uma hipótese Explicativa do Contato Entre o Português e as Línguas Africanas**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 45, p. 31-48, 2007.
- SOUZA, Marina. **África e Brasil Africano**. Editora Ática, São Paulo, 2008.
- UNDOLO, Márcio Edu da Silva. **Caracterização da norma do português em Angola**. Tese (Doutorado em Linguística) Universidade de Évora, Portugal, 2014.
- VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Livraria Almedina, Coimbra, 1994
- WEINREICH, Uriel. *Languages in Contact: Findings and Problems*. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.
- WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. Tradução de Marcos Bagno, São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- WINFORD, Donald. *An Introduction to Contact Linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.